

EDIPUCRS – Coleção Memória das Letras

7-MENDES, Leonardo.
**O RETRATO DO IMPERADOR:
negociação, sexualidade e romance
naturalista no Brasil.**
2000, 228 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre – RS/BRASIL
www.pucrs.br/edipucrs/
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 3320.3523

Aquisição de narrativas em língua de sinais brasileira

Maria Cristina da Cunha Pereira e Ricardo Nakasato*

Este trabalho teve origem em trabalho anterior (Pereira e Pereira, 1998), em que, ao analisar relatos apresentados por alunos surdos de diferentes idades e níveis de escolaridade, ficou evidenciado que as crianças mais novas nomeavam objetos e ações presentes nas figuras dos livros, enquanto que as mais velhas eram capazes de construir narrativas com começo-meio-fim, e muitos detalhes, bem como não necessitavam da presença do livro para fazê-lo.

Tais dados apontavam, portanto, para um processo de construção da narrativa, semelhante ao observado em crianças ouvintes. No entanto, faltavam nos relatos das crianças observadas elementos que respondessem pela articulação dos eventos, resultando em justaposição dos mesmos.

Uma segunda observação dos dados, desta vez com a ajuda de um adulto surdo, usuário da Língua de Sinais Brasileira, revelou que algumas crianças apresentavam movimentos com o corpo que pareciam responder pela articulação dos fatos nos relatos.

Tal fato nos levou à literatura sobre a gramática das línguas de sinais. Pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana têm alertado para o fracasso em se assumir as mãos como os únicos portadores de informação lingüística no discurso com sinais.

Baker e Padden, em 1978, apontaram a importância de se considerar não só as mãos, mas as expressões faciais, os movimentos da cabeça e do corpo como portadores de informação lingüística na Língua de Sinais Americana. Movimentos dos braços, da cabeça, dos olhos, das sobrancelhas, além da postura do corpo, fornecem informações sobre como os relatos estão organizados. Segundo as pesquisas sobre a Língua de Sinais Americana, a observação quanto ao uso dos aspectos não manuais durante os rela-

* PUCSP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

tos sugere que os mesmos são importantes como portadores de significado em um texto. Pode-se dizer, então, que a articulação entre os eventos nas línguas de sinais resulta da combinação de traços manuais e não-manuais.

Por serem articuladas principalmente através do uso das mãos e do rosto, as línguas de sinais são produzidas no espaço e tendem a explorar o espaço que cerca o sinalizador. No entanto, o uso do espaço é mais do que o simples resultado físico da modalidade visual/gestual; é parte integrante da gramática das línguas de sinais. Embora não seja o único recurso, o uso do espaço possibilita ao sinalizador estabelecer relações entre um enunciado e os anteriores no relato.

É possível também se estabelecer ligação entre um enunciado e os anteriores através da atribuição de localizações no espaço. Referência a objetos e personagens é feita através do uso de nominais introduzidos no discurso na Língua Americana de Sinais, relacionados a pontos específicos em um plano do espaço sinalizador. No discurso sinalizado, o apontar para um local específico faz referência a um nominal previamente mencionado, mesmo que muitos outros sinais intervenham no relato (Bellugi, Van Hoek, Lillo-Martin; O'Grady, 1993). Além disso, o espaço dentro do qual os sinais são articulados pode ser usado para descrever a disposição dos objetos no espaço. Neste mapeamento, as relações espaciais entre os sinais correspondem a relações reais entre objetos descritos. As convenções lingüísticas usadas no mapeamento espacial especificam a posição dos objetos de forma altamente geométrica e não arbitrária, situando-os de acordo com as relações topográficas que os mesmos mantêm no espaço (Emmorey, 1993).

Lidell (1995), por exemplo, observou que os sinalizadores se referem a personagens de uma história como se os mesmos estivessem no ambiente do sinalizador. Assim, ao relatar a interação entre dois personagens, um adulto e uma criança, por exemplo, o sinalizador olhará para cima quando se referir à criança sinalizando para o adulto e olhará para baixo quando for o adulto que está sinalizando para a criança. O relato das ações na Língua de Sinais Americana é descrito por Winston (1991) como um "role-playing" no qual o sinalizador assume a postura e realiza as ações de um personagem.

Trabalhos sobre a aquisição de língua de sinais por crianças surdas, filhas de pais surdos (Bellugi, Van Hoek, Lillo-Martin; O'Grady, 1993), referem que, aos 2;6 anos de idade, as crianças usam só sinais isolados para descrever cada figura, bem como para contar uma história inteira. Entre 2;0 e 3;0 anos, diversas combina-

ções de sinais são observadas, mas sem o estabelecimento ou uso de locais referenciais. Só depois de 5;0 anos as crianças começam a estabelecer locais referenciais e a realizar a concordância verbal utilizando estes locais. Por volta de 6;0 anos, as crianças surdas usam consistentemente a concordância verbal apropriada. Os locais referenciais são estabelecidos e mantidos corretamente.

Com base nestes dados e dando continuidade ao estudo sobre aquisição de narrativas em Língua de Sinais Brasileira, é objetivo deste trabalho analisar os recursos utilizados por crianças surdas na articulação dos fatos em relatos de histórias.

1 Metodologia

Os dados utilizados neste estudo foram extraídos do relato de uma história por uma criança surda - F - filha de pais ouvintes, e aluna do Programa de Educação Infantil do Instituto Educacional São Paulo (IESP), escola para surdos da Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (DERDIC), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Diferentemente das crianças observadas no trabalho anterior (Pereira e Pereira, 1998), F. foi exposto à Língua de Sinais Brasileira desde a sua entrada na classe de jardim.

F. tinha, na época da coleta de dados, 6;8,11 anos de idade e ingressou no IESP por volta dos 2;6 anos, na classe inicial de jardim. Desde então vem sendo exposto à Língua de Sinais Brasileira na interação com Ricardo, um adulto surdo, instrutor da língua de sinais na instituição e um dos autores deste trabalho. A exposição à Língua de Sinais Brasileira se dá de forma sistemática, sendo privilegiada a situação de relatos de histórias e de conversas com os alunos.

Após ter sido trabalhado um livro sobre o Castelo Ratinbum, F., seus colegas, a professora e o instrutor de sinais, foram ao cinema para assistir a um filme sobre o mesmo tema e posteriormente também aos estúdios onde foi realizada a filmagem. Depois de todas estas etapas, foi solicitado por Ricardo que os alunos relatassem o filme, o que foi registrado em fita, utilizando-se equipamento de videoteipe.

A gravação foi transcrita pelo instrutor surdo e por uma lingüista ouvinte, autores deste trabalho, considerando-se o uso de sinais, bem como de todos os recursos utilizados por F. no relato da história.

O relato de F. é apresentado abaixo. Em caixa alta estão transcritos os sinais na forma como foram interpretados pelo interlocu-

tor (Ricardo). Entre parênteses, estão descritos os movimentos das mãos, do corpo, a expressão facial, o uso do espaço, bem como outros aspectos considerados relevantes para a análise do relato. Finalmente, os números se referem aos trechos destacados para análise.

CASTELO AGORA HOMEM ESCOLA ÔNIBUS SUBIR SUBIR SUBIR (1) (mão direita aberta de lado e com a esquerda faz repetidas vezes o sinal de subir em direção à mão direita, olhar para as mãos) SENTAR MUITAS PESSOAS MOTORISTA ENTRAR SENTAR MOTORISTA ÔNIBUS-ANDAR (2) (mão direita aberta, de lado e mão esquerda fazendo sinal de sentado, movimento de levar as mãos para a frente) CHEGAR DESCER DESCER DESCER (1) (mão direita aberta de lado e com a esquerda faz repetidas vezes o sinal de descer, saindo do ônibus, olhar para as mãos) PARAR// MOTORISTA TCHAU EMBORA (olhar para a frente) (3) // HOMEM FALAR MUITA GENTE ESPERAR (mesmo lugar em que fez o sinal de DESCER) CONTAR CERTO ENTENDEU (expressão facial interrogativa e movimento de confirmação com a cabeça) PODE ANDAR (traça caminho com o dedo) SENTAR-EM-FILA// ESPERAR COMEÇAR APAGAR TELA// (olha para a frente) TELA (3) VER NINO (sinal e expressão facial) (movimento com o corpo para frente) MORGANA (sinal e expressão facial) (movimento com o corpo para frente) VITOR (sinal e expressão facial) (4) CASTELO ENTRAR CASTELO (olhos e boca bem abertos, movimento ligeiro com a cabeça para trás = surpresa) ENTRAR SENTAR ESPERAR COMEÇAR CASTELO TELA. NINO (movimento com a cabeça para frente) MORGANA (movimento com a cabeça para frente) VITOR VER SUBIR-ESCADA AVISAR VITOR FALAR PRECISA ESCREVER ESCREVER ESCREVER NÃO-LIGA (NÃO DÁ ATENÇÃO) SUBIR-ESCADA FOLHEAR LIVRO LER ESCREVER LER FECHAR-LIVRO-COM-FORÇA (=DESISTIR) (expressão facial de bravo) NÃO QUER SUBIR-ESCADA (fazendo sinal na direção do quarto do Vitor) NÃO QUER (vira o corpo = direção quarto Morgana) SUBIR-ESCADA PENSAR TENTAR VER IDÉIA ABRIR (PORTA) ENTRAR-DEVAGAR LEMBRAR CAMA LIVRO MEXE (PROCURANDO) PEGAR-LIVRO ABRIR (5)// NINO SUBIR-EM-CARACOL (LEVITAR) (cara de espanto) GRITAR-MUITO (olhando para baixo) (4)// MORGANA-ESCUTAR ORELHA BARULHO SUBIR-ESCADA (aceno afirmativo com a cabeça) (4) OLHAR PROCURAR-EMBAIXO PROCURAR-NA-ESTANTE OLHAR-PARA-CIMA (olhar fixo) VOCÊ NÃO/MEU LIVRO (7) (expressão facial de bravo) MEU (movimento com a cabeça = confirmação) CAMA MEU (7) (olhando para as mãos) MEU (olhando para cima com expressão facial de

bravo) (vira o corpo e o olhar para o lado) ESPELHO (mão esquerda aberta colocada no lado direito do corpo = lado onde contava a história e com a mão direita passa por entre os dedos da mão esquerda e faz movimento de puxar a mão como se tivesse algo redondo dentro) PEGAR-ATRAVÉS-DO-ESPELHO ALGO REDONDO (pedra) ABRIR (pedra) SUBIR (mão direita sobe enquanto move os dedos da mão esquerda voltados para cima = mágica; os olhos acompanham a subida) (como se pegasse a pedra = Nino que estava em cima, olhando para baixo e fazendo movimento de abaixar o corpo) (6) LER (pedra próxima dos olhos) LER LER OUVIR (referindo-se a Morgana, que estava no andar de baixo e estaria ouvindo = cabeça inclinada como se ouvisse acima dela) (6) OUVIR (com a mão esquerda) CERTO (com a mão direita) (expressão facial de aprovação) VIR (convite) CAMA (mão esquerda parada em pé e a direita descendo em movimento circular = pessoa descendo da levitação) DESCER-DEITADO-EM-MOVIMENTO-CIRCULAR (flutuar) PULAR-DEITADO (subir e descer como se batesse na cama e voltasse) PULAR (na cama, caindo de frente) PULAR (diminuindo a velocidade, até parar) CAMA (5) //

2 Análise dos dados

F. inicia o seu relato, contando a ida ao cinema. Ao relatar o filme que assistiu, F. se restringiu a uma parte da história, o que pode ser explicado pelo fato do filme ser muito longo. Ainda que se trate de um trecho, o relato de F. obedece à estrutura de uma história, com começo-meio-fim.

Em relação ao uso da Língua de Sinais Brasileira, F. usa adequadamente os sinais, bem como os ordena de acordo com a sintaxe da língua. Observa-se, também, a utilização de marcadores morfológicos, como, por exemplo, a repetição do sinal de SUBIR SUBIR SUBIR, dando a idéia de que muitas pessoas subiram no ônibus. A repetição de sinais é um recurso usado na Língua de Sinais Brasileira para expressar intensidade (Brito, 1995).

Na articulação dos eventos, F. faz uso de vários recursos, envolvendo o uso do espaço, o olhar, a expressão facial e os movimentos corporais. Devido à limitação de tempo, neste trabalho serão analisados o uso do espaço e a referência aos personagens.

Em relação ao uso do espaço, logo no início do relato, F. posiciona o ônibus e os passageiros subindo nele, realizando sinais com as duas mãos: uma, parada, que representa o ônibus, e a outra que se move, para significar os passageiros. O mesmo recurso foi usado para expressar descer do ônibus, desta vez com o movimento ao contrário. Cabe lembrar aqui que subir e descer são verbos

direcionais e, portanto, o movimento em direção ao ônibus é interpretado como SUBIR, assim como o movimento partindo do ônibus é interpretado como DESCER. Este uso está assinalado com o número (1) na transcrição do relato.

Outro uso do espaço por F. pode ser observado no movimento de levar as duas mãos para frente, uma com a configuração usada para se referir ao ônibus e a outra aos passageiros sentados (dois classificadores na Língua de Sinais Brasileira), o que foi interpretado como o ônibus se afastando. Na transcrição do relato, este uso do espaço está marcado com o número (2).

Ainda com relação aos trechos marcados com os números (1) e (2), no relato, ambos ilustram o uso das duas mãos, cada uma produzindo um sinal, indicando simultaneidade de ações. A simultaneidade é uma característica das línguas visuais. Segundo Emmorey (1994), nas cenas produzidas com as duas mãos, uma representa o fundo e a outra a figura, localizada neste fundo. A posição das mãos no espaço representa a posição dos objetos um com respeito ao outro.

Embora não seja possível neste trabalho aprofundar uma discussão sobre o uso de sinais por F., gostaríamos de chamar a atenção para o uso que ele faz dos classificadores, ou seja, sinais usados para se referir a uma classe de objetos que partilham certas características. Trata-se de uma especificidade das línguas de sinais, difícil de ser aprendida por ouvintes. Os dados de F. revelam que, na interação com a Língua de Sinais Brasileira, usada por Ricardo, ele está adquirindo os classificadores sem dificuldade.

Ainda em relação ao espaço, associado ao movimento corporal, é interessante destacar o movimento que F. realiza com o corpo como para marcar o final de uma cena ou a mudança de contexto. Assim, após deixar as crianças no cinema, o motorista olha para frente e sai (assinalado com (3) na transcrição). A partir daí F. conta o que se passou dentro do cinema. O mesmo uso do corpo pode ser observado um pouco mais adiante, quando F. sinaliza TELA, volta-se para frente e repete o sinal de TELA, agora olhando para frente. Tal movimento foi interpretado por Ricardo como um corte na cena que precedeu ao filme. Daí para diante, F. vai contar o filme.

Outro aspecto interessante nos dados de F. diz respeito à referência aos personagens.

A Língua de Sinais Brasileira, como a Americana, por exemplo, permite que a referência aos personagens seja feita ou através do uso de algum sinal específico, como o de cabelo em pé para se referir a NINO, usado por Ricardo, e incorporado pelos alunos, ou

através da atribuição de um local no espaço de sinalização, de forma que a referência posterior ao personagem se dá através de um sinal de apontar, do olhar ou mesmo de um movimento de cabeça em direção ao lugar previamente estabelecido (Emmorey, 1993; 1994). Também os pronomes podem ser usados para estabelecer associação entre personagens ou objetos e locais no espaço de sinalização. Assim, atribui-se um lugar arbitrário no espaço de sinalização para os mesmos e através de um sinal pronominal dirigido àquele local, pode-se referir ao objeto ou à pessoa mencionada anteriormente.

Nos dados de F., os personagens são introduzidos através do sinal correspondente a cada um deles. O movimento com a cabeça para frente e expressão facial parecem funcionar como articuladores entre os nomes (número (4) na transcrição). No entanto, F. não relaciona os personagens a locais e, assim, mais adiante, para se referir aos mesmos, ou os nomeia novamente, usando os sinais referentes a eles, ou não faz nenhuma referência aos mesmos, ficando difícil ao interlocutor identificar a quem ele se refere, como se pode observar na transcrição (número (5)). Neste trecho, a não referência a NINO dificulta ao interlocutor saber de quem F. está falando. A mesma dificuldade é sentida no longo trecho que se segue à referência a Morgana (também marcada com (5) na transcrição).

A não referência aos personagens é comumente observada nos relatos de crianças pequenas ouvintes. Nos estudos sobre aquisição da Língua de Sinais Americana, o estabelecimento de locais referenciais é observado em crianças acima de 5;0 anos de idade.

Ainda com relação à referência, observam-se alguns trechos no relato de F. em que a referência parece ser feita com a imagem que ele fez da cena, como nos trechos marcados com (6) na transcrição.

A criança parece ter construído um mapeamento da cena e parece utilizar este mapeamento no seu relato. Assim, o movimento de abaixar que antecede o sinal de LER e a cabeça inclinada como se ouvisse alguma coisa acima indicam para o interlocutor familiarizado com a cena que F. está se referindo a NINO e a MORGANA. No entanto, a mesma compreensão não terá quem não assistiu ao filme.

Ainda com relação à referência nominal, gostaríamos de chamar a atenção para o uso dos pronomes por F., expressos, na Língua de Sinais Brasileira, através do apontar com o dedo. O uso dos pronomes por F. está assinalado com (7) na transcrição do relato.

Neste trecho, F. parece estar reproduzindo um diálogo entre Morgana e Nino, sendo que o sinal de MEU se refere a Morgana. A expressão facial e a insistência no sinal expressam a braveza do personagem.

Concluindo, ao analisar o relato de F., uma criança surda, filha de pais ouvintes e exposta à Língua de Sinais Brasileira na escola, observa-se o uso não só de sinais, mas de recursos como o uso do espaço, o olhar, o movimento do corpo na articulação dos eventos.

Em relação ao uso de espaço, foi possível observar, no relato de F., não só o uso de sinais com as duas mãos, expressando simultaneidade de ações, como o movimento com o corpo que parece marcar a mudança na cena ou no contexto.

Para fazer referência a objetos e personagens, F utilizou a nomeação, o uso de pronomes, um movimento dos personagens, ou, ainda, não fez nenhuma referência, dificultando, em alguns momentos, a compreensão pelo interlocutor. Em outros momentos na referência aos personagens, F. parecia ter construído um mapeamento das cenas e faz uso do mesmo no seu relato.

A comparação dos dados obtidos com os relatados na literatura indica que ele está seguindo um processo semelhante ao observado por crianças surdas, expostas desde o nascimento à língua de sinais, ainda que com uma pequena diferença, já que, de acordo com os pesquisadores, aos 6;0 anos de idade, as crianças surdas, filhas de pais surdos, parecem usar consistentemente o espaço em seus relatos. Tal diferença, no entanto, não aparece significativa se considerarmos que F. começou a ser exposto à Língua de Sinais Brasileira tardiamente, se comparado com crianças surdas, filhas de pais surdos.

Assim, os resultados da análise do relato de F. evidenciam que, mesmo tendo sido introduzido na Língua de Sinais Brasileira com quase 3;0 anos de idade, ele está seguindo um processo de aquisição da linguagem, semelhante ao observado em crianças surdas, de pais surdos.

Os resultados deste trabalho apontam para a importância das crianças surdas serem expostas, desde o mais cedo possível, à língua de sinais, na interação com interlocutores surdos, que as insiram no funcionamento lingüístico-discursivo desta língua.

Referências bibliográficas

- BAKER, C.; PADDEN, C. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (ed.) *Understanding language through sign language research*. New York: Academic Press, 1978, p. 57.
- BELLUGI, U.; Van-HOEK, K.; LILLO-MARTIN, D.; O'GRADY, L. The acquisition of syntax and space in young deaf signers. In: BISHOP, D.; MOGFORD, K. (eds.) *Language development in exceptional circumstances*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993, p. 132-149.
- BRITO, L. F. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- EMMOREY, K. Processing a dynamic visual-spatial language: psycholinguistic studies of American Sign Language. *Journal of Psycholinguistic Research*, v. 22, n. 2, p. 153-187, 1993.
- EMMOREY, K. The confluence of space and language in signed languages. In: BLOOM, P.; PETERSON, M.; NADEL, L.; GARRETT, M. (eds.) *Language and space*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.
- LIDELL, S. K. Tokens and surrogates. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (eds.) *Language, gesture and space*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 1995.
- PEREIRA, M. C. C.; PEREIRA, P. H. P. M. *A construção de narrativas por crianças surdas*. Trabalho apresentado no I Congresso Ibero-Americano de educação bilíngüe para surdos. Lisboa, Portugal, 1998. Não publicado.
- WINSTON, E. Spatial referencing and cohesion in an American sign language text. *Sign Language Studies*, 73, p. 396-410, 1991.